XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

MIGRAÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS ENTRE OS PAÍSES DO BRICS: ENSINO SUPERIOR E EXPANSÃO ECONÔMICA

Rodolfo Carneiro Nóbrega
rodolfo.cnobrega@gmail.com
Universidade de Brasília
Brasil

RESUMO

O crescimento do número de matrículas no ensino superior e a mobilidade dos estudantes entre os países cresceram de forma significativa nas últimas décadas. São diversos os motivos que contribuíram para este aumento e, o presente estudo, concentra-se mais na questão da mobilidade do que na da expansão propriamente dita. O objetivo foi compreender a migração dos estudantes de ensino superior entre os países que compõe o BRICS – abreviação que simboliza Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – identificando relações entre essa mobilidade e o crescimento econômico de tais países. Fez-se também uma comparação com os EUA, um dos países tradicionalmente mais buscados pelos estudantes de ensino superior, para fornecer uma noção da magnitude das transformações analisadas. A hipótese central é de que o crescimento do ensino superior dessas nações está ligado com a expansão econômica das mesmas, e que esse crescimento promove também uma maior mobilidade dos estudantes entre esses países. Os dados mostrados ao longo do estudo foram coletados em bancos de dados mundiais, organizados pelo Banco Mundial e a OECD *(Organisation for Economic Co-operation and Development)*. Os resultados sinalizam para a existência da correlação entre crescimento econômico e expansão do ensino superior, bem como indicam que a expansão do ensino superior está relacionada com áreas estratégicas de investimentoUm dos motivos desse crescimento no intercâmbio é o aumento no número de acordos de cooperação internacional entre esses países, e o fato do crescimento econômico e a expansão do ensino superior destes os tornam destinos mais visíveis para estudantes migrantes, além dos EUA. Outra razão para esse aumento pode girar em torno da busca por torna-se uma *world-class university*. Segundo o *Academic Ranking of World Universities* 90% das instituições de ensino superior estão localizadas em países do hemisfério norte e com economia consolidada. Dessa maneira, a economia parece ser fator determinante nessa busca das nações em ter uma ou mais WCU. O estabelecimento dos países do BRICS como economias emergentes e o aumento significativo ano a ano do PIB desses países, por exemplo, mostra-se aparentemente associado à busca de parte dessas nações de promover a criação de WCUs em seu território. Isso pode ocorrer tanto por uma questão de este ser um fator que evidenciaria a presença desses países como potências econômicas e de ensino, quanto pelo próprio aporte de recursos originado da vinda de estudantes internacionais para cada país.

Palavras-chave

BRICS; Educação; Economia; Ensino superior; Mobilidade.

ABSTRACT

Growth in enrollment in higher education and student mobility across countries has grown significantly in recent decades. There are several reasons for this increase, the present study focuses more on mobility than on expansion itself. The objective was to understand the migration of higher education students between the countries that make up the BRICS - an abbreviation that symbolizes Brazil, Russia, India, China and South Africa - identifying the relationships between this mobility and the economic growth of these countries. A comparison was also made with the USA, one of the countries most traditionally sought after by higher education students, to provide a notion of the magnitude of the transformations analyzed. The central hypothesis is that the growth of higher education in these nations is linked to their economic expansion, and that this growth also promotes greater student mobility among these countries. The data shown throughout the study was collected in world databases, organized by the World Bank and the Organization for Economic Cooperation and Development (OECD). The results point to the existence of a correlation between economic growth and expansion of higher education, and indicate that the expansion of higher education is related to strategic areas of investment. One of the reasons for this growth in the exchange is the increase in the number of international cooperation agreements between these countries and the fact that economic growth and the expansion of higher education make them more visible destinations for migrant students than the US. Another reason for this increase may revolve around the quest for becoming a world-class university. According to the Academic Ranking of World Universities 90% of higher education institutions are located in countries of the northern hemisphere and with consolidated economies. In this way, economics seems to be a determining factor in this quest for nations to have one or more WCUs. The establishment of the BRICS countries as emerging economies and the significant and consecutive early increase in GDP of these countries, for example, appears to be associated with the quest for some of these nations to promote the creation of WCUs in their territory. This can occur both because of the fact that this is a factor that would show the presence of these countries as economic and educational powers, as well as the contribution of resources originated from the arrival of international students to each country.

Keywords

BRICS; Education; Economy; Higher education; Mobility.

I. Introdução

As nações que fazem parte do BRICS são consideradas parte do grupo emergente que está ganhando importância desde o início do século. A reunião desses países – no início a África do Sul não fazia parte - em um grupo deu-se, principalmente, por dois motivos: nível populacional e progresso econômico. Esses países não crescem apenas economicamente, mas, também, politicamente. A China a cada ano se aproxima dos EUA na posição de maior economia mundial. Já o Brasil, a Rússia e a Índia figuram entre as dez maiores economias. Um dos motivos da participação da África do Sul nesse grupo de emergentes foi pela consolidação da democracia e da economia com o fim do *Apartheid*.[1]

Em projeção feita por Wilson (2003), a economia dos BRICS seria maior que a dos países do G6 (EUA, Japão, Alemanha, França, Inglaterra e Itália) em 2050, enquanto que a China superaria a economia da Alemanha em 2007, o Japão em 2015 e os EUA em 2039. No que concerne à Índia, a projeção é de que ultrapasse as economias de China e EUA em 2033. Dos países do G6, apenas EUA e Japão continuariam no grupo das seis maiores economias mundiais em 2050. Em relação a essa projeção, em 2003 a economia chinesa representava já 14,3% da dos EUA, e em 2013 o passou para mais de 55%. Assim, os países do BRICS em relação à economia estão crescendo mais do que o esperado. A China e a Índia são as nações com maior potencial dos BRICS.

A hipótese central é de que o crescimento do ensino superior dessas nações está ligado com a expansão econômica das mesmas, e que esse crescimento promove também uma maior mobilidade dos estudantes entre esses países. Os dados mostrados ao longo do estudo foram coletados em bancos de dados mundiais, organizados pelo Banco Mundial e a OECD. Os resultados sinalizam para a existência da correlação entre crescimento econômico e expansão do ensino superior, bem como indicam que a expansão do ensino superior está relacionada com áreas estratégicas de investimento.

[1] Fazemos aqui a ressalva de que muitos dos dados que serão apresentados não possuem informações da China, especialmente os dados mais específicos dos campos de educação e de mobilidade dos estudantes chineses.

II. Marco conceitual

O número de matrículas cresceu de forma significativa ao longo do século XX e início do século XXI. Em um período de 100 anos o número de estudantes no ensino superior passou de 500 mil alunos no ano de 1900 para 100 milhões de estudantes em 2000 (SHOFER; MEYER, 2005). Em 100 anos observamos um aumento de 20.000%, resultando em um crescimento de 200% ao ano.

Para Schwartzman (2015), diante das pretensões individuais diversas, o governo encontra-se em uma posição onde, por dois motivos, é inviável atender todas as demandas: 1) dificuldades de custeio; 2) disputas por vagas entre os diferentes níveis educacionais. Para o autor "com o aumento da demanda por ensino superior, os governos tiveram de prestar mais atenção a seu custo e aos benefícios que ele traz para a sociedade" (SCHWARTZMAN, 2015, p. 269).

Independente, portanto, das estratégias de cada país com relação à expansão do ensino, todos enfrentam o questionamento sobre os possíveis benefícios públicos a serem auferidos dos pesados investimentos necessários no nível superior de ensino. Ainda que seja praticamente impossível determinar a direção dessa causalidade, a hipótese aqui é a de que o crescimento econômico poderia não apenas fornecer maiores reservas aos estados para investir na educação, como possibilitaria também maiores oportunidades aos indivíduos de aplicar na própria educação. As razões para investir nesse nível de ensino não são apenas econômicas, mas também socioculturais como por exemplo o desejo de se inserir numa economia globalizada, criando universidades que tivessem esse caráter global.

A mobilidade possui papel importante na construção de universidades globalizadas. A partir do momento em que surgem as instituições de ensino superior, a mobilidade acadêmica apresenta-se. Essa mobilidade expandiu de forma expressiva no século XX, em um período de 50 anos – de 1950 a 2000 – o número de estudantes estrangeiros passou de 110 mil para quase 2 milhões. É um aumento bastante considerável se pensarmos em possíveis contratempos como idioma e falta de recursos por parte dos estudantes.

Ao mesmo tempo em que os estudantes estrangeiros possuem interesses específicos quanto a mobilidade para outras instituições de ensino, principalmente no que concerne a busca por capitais – humano, social, cultural, etc. -, as universidades também possuem grande interesse em contar com estudantes das mais diversas nacionalidades. Além disso, a migração de estudantes traz benefícios econômicos para algumas nações.

> Alguns países, como Austrália, Canadá, Inglaterra e EUA, recrutam estudantes como forma de captar recursos para suas universidades e para suas respectivas economias nacionais, uma vez que estabelecem a cobrança de elevadas taxas. A Nova Zelândia gera mais dividendos financeiros com o ensino superior do que com sua indústria de vinhos. O Canadá obtém maiores ganhos econômicos com o ensino superior do que com a exploração de madeira e carvão (MARTINS, 2015, p. 296)

III. Metodologia

As informações produzidas ao longo do estudo foram extraídas nos portais da OECD e do *World Bank*. Exploramos, principalmente, informações de mobilidade discente e o número de graduados por setor. O objetivo de fazer uma comparação com o EUA, é pelo fato do país ser o principal destino de estudantes estrangeiros, inclusive das nações do BRICS. Os EUA servem então de base de comparação para manter as transformações observadas nos países estudados em termos de mobilidade estudantil em perspectiva.

Para analisar os dados, usamos estatísticas descritivas, principalmente medidas de tendência central e variação entre os anos. Vale a ressalva de que as fontes utilizadas possuem várias lacunas nos dados, tanto temporalmente quanto entre países.

IV. Discussão dos dados

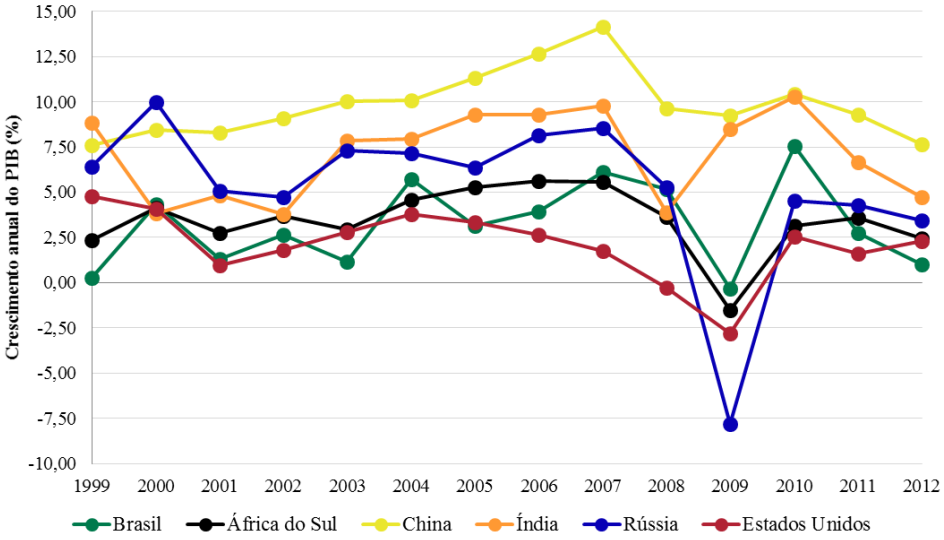
No início desta seção, analisaremos os dados econômicos e do ensino superior nas nações estudadas. A Economia será vista por meio do crescimento percentual do Produto Interno Bruto – PIB – em relação ao ano anterior. Já os dados analisados sobre o Ensino superior serão número matrículas e número de graduados. No gráfico 01 observamos a taxa anual de crescimento percentual do PIB dos BRICS e dos EUA (para comparação). Importante ressaltar que o gráfico não demonstra o valor exato do PIB, mas sim seu aumento ou sua redução – os anos em que o PIB ficou abaixo do 0 - em relação ao ano anterior. Com isso, percebe-se que a Grande Recessão[2] teve e ainda tem um impacto determinante na economia desses países, principalmente nos anos de 2008 e 2009, em especial sobre a Rússia, que apresentava um crescimento anual de em média 6,90% até o ano de 2009 e teve um decréscimo de aproximadamente 8% em relação ao ano anterior. A China foi a única nação que não teve um decréscimo expressivo em sua economia, fora isso, manteve desde 1999 um crescimento de mais de 7% ao ano. Em média China e Índia apresentam a maior taxa anual de crescimento do PIB, a primeira com 9,85% e a segunda com 7,10%. Rússia com 5,24%, África do Sul com 3,44%, Brasil com 3,20% e EUA com 2,10% vêm em seguida.

Como citado anteriormente, a hipótese central é a existência de uma relação entre o crescimento econômico e o número de matrículas. O Gráfico 02 apresenta em números brutos as matrículas no Ensino superior desses países. Ressaltamos que os anos que apresentam nenhuma matrícula não possuíam informação no banco de dados da OECD. Contudo, com os dados restantes é possível fazer uma análise exploratória. No Brasil, notamos um crescimento gradual, da mesma forma que nos EUA, enquanto que ao se imaginar uma linha de crescimento da China e da Índia o crescimento foi expressivo ao longo dos anos. Na primeira, o número de matrículas em 2004 era de

[2] A Grande Recessão começou em 2001 com a Bolha da Internet, por meio da política de aplicação no setor imobiliário através da diminuição na taxa de juros. Isso ocasionou maiores investimentos em imóveis, e algumas instituições passaram a dar créditos e a conceder empréstimos para hipotecários. Ano a ano a bola de neve aumentava, e em 2006 ocorreu a crise do *subprime* sendo causada pela quebra dessas instituições de crédito. Seu ápice foi a crise de 2008 sendo repercutida na Bolsa de Valores e na economia de diversos países.

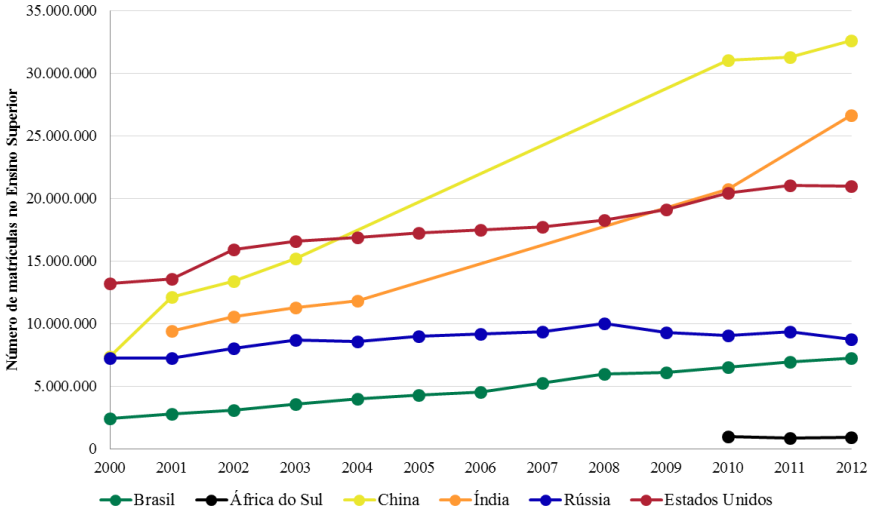
um pouco mais de 15 milhões e passou para mais de 32 milhões em 2012, tendo um crescimento de mais de 100%. Já na segunda, o número era de um pouco menos de 12 milhões em 2004 e passou para mais de 26 milhões, mais uma vez com um crescimento acima de 100%.

Gráfico 01 - Crescimento anual do PIB (%) nos países do BRICS e nos EUA



Fonte: World Bank

Gráfico 02 – Número de Matrículas no Ensino superior dos países do BRICS e do EUA



Fonte: OECD

Uma das possíveis explicações para o aumento significativo do número de matrículas na China é sua busca por Universidades Padrão Mundial, a *World Class University*. Essa busca começou em 1999, com o Projeto 985, e deu enfoque a programas de pesquisa, além de políticas com perspectivas globais visando os primeiros lugares do ranking mundial de Universidades. O objetivo principal desse projeto era trazer um número considerável de universidades do país para um nível educacional avançado. Parte da expansão nesses países pode também ser explicada pela ampliação do Ensino secundário, principalmente na China e na Índia onde o acesso ao Ensino secundário sofreu um aumento considerável. O número de estudantes no Ensino secundário chinês cresceu 7% do ano de 2003 até 2012 e na Índia o crescimento foi de 40% no mesmo período, enquanto que nos EUA o aumento foi de um pouco mais de 1%. Já no Brasil e na Rússia houve decréscimo no número de estudantes, sendo no primeiro de aproximadamente 3% e no segundo de 34%.

A diminuição do número de matrículas no Ensino superior russo pode ser explicada pela diminuição de matrículas do Ensino secundário. Já no Brasil o número de estudantes no ensino superior permaneceu quase o mesmo. Ou seja, o aumento das matrículas do Ensino superior não apresentou uma relação significativa com a estagnação do Ensino secundário. Collares (2013) mostra por meio da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílios) a comparação da população em

1982 e 2006 no Ensino secundário e no ensino superior. O aumento da população de 14 – 17 anos foi expressivo no Ensino secundário, e em 1982 representava 43% dos estudantes desse nível, passando para 60% em 2006. Todavia, nesse mesmo período a idade população com ensino superior cresceu, sugerindo que esse nível de ensino estava absorvendo um grupo já no mercado de trabalho e não os concluintes do ensino médio. Corbucci (2009), em seu artigo "Sobre a Redução das Matrículas no Ensino Médio Regular" cita a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como uma possível explicação para a redução no número de matrículas no Ensino secundário no Brasil pois o número de matrículas do EJA sofreu uma variação de 54% indo de 873 mil para 1.345.165 milhões.

Analisando a estrutura do Ensino superior nesses países e também nos EUA, no ano de 2012 os EUA tiveram aproximadamente 72% dos estudantes matriculados em instituições públicas, enquanto que o restante foi matriculado nas Instituições Privadas, sendo que estas são independentes do governo. No Brasil, também em 2012, ocorre o contrário: 28,5% dos estudantes foram matriculados em instituições públicas e o restante em instituições privadas, sendo, da mesma forma, independentes do governo. Em relação à China, o dado mais completo é do ano de 2002. No período em questão mais de 96% dos matriculados estavam em instituições públicas e da mesma forma que os EUA e o Brasil, as instituições privadas são independentes do governo. Já na Índia, a informação mais recente da OECD consta que no ano de 2004 todos os estudantes estavam matriculados em Instituições Públicas. No que concerne à Rússia, as instituições privadas também são independentes do governo e representam uma parcela pequena do número de matriculados - no ano de 2012 esse número foi de aproximadamente 14%. Por fim, no ano de 2012 todos os estudantes da África do Sul foram matriculados em Instituições Públicas.

Em relação ao total de graduados desses países no período de 2006/2012, todas as nações apresentam um crescimento do primeiro ano observado a 2012, todavia é preciso mencionar que esses países – exceto a Rússia - cresceram em termos populacionais, ou seja, parte da variação é explicada por esse aumento populacional. O Brasil apresenta o maior crescimento com um pouco mais de 36% nesse período, seguido pela Rússia com 26,2%, China com 22,4%, EUA com 22,1% e África do Sul com 15,4%. A partir de 2010, a Rússia estagnou no número de graduados, enquanto que, no mesmo período, os outros países tiveram, pelo menos, o crescimento de 7%.

Para elucidar de forma mais clara o quanto o número de graduados representa em cada nação, calculamos o percentual do número de graduados em relação ao número de matrículas no mesmo ano. No Brasil, o percentual vem se reduzindo. No ano de 2006, 14,81% de quem entrava no Ensino superior se formava, enquanto que em 2012 o percentual foi de 12,74%. Na China o percentual aumentou de 2010 a 2012 passando de 11,98% para 13,97%, em média 13,21% dos matriculados terminavam o curso. Já na Rússia, o percentual foi de 12,56% para 16,64%, tendo em média 15,19% dos matriculados se formando. No que concerne aos EUA, o percentual não sofreu muita mudança, ficou entre 12,25% e 12,93% durante o período. Finalmente, na África o percentual de formandos em relação aos ingressantes foi de 9,41% em 2010 para 11,47% em 2012.

Os dados apresentados não contrariam nossa hipótese central da existência de uma relação entre o crescimento econômico e o número de matrículas. O crescimento econômico da China e da Índia é foi o maior do período entre os países observados, e esses países tiveram também maior crescimento no número de matrículas do ensino superior. Na China, o percentual de estudantes que se formam também cresceu, ou seja, não é apenas a entrada de estudantes que expande no país, mas o percentual de formandos. Assim, o crescimento econômico pode estar associado, mais do que ao crescimento do número de ingressantes no ensino superior, ao percentual dos que se formam. Não apenas esses dois fatores mostram a expansão, mas também a estrutura do Ensino superior. Em 2006 a Índia apresentava o terceiro maior sistema de Ensino – depois de China e EUA – com quase 18 mil instituições, sendo 348 universidades e 17625 faculdades.

No Brasil o número de matrículas no ensino superior aumentou, como também o número de graduados, porém não a proporção ingressantes/graduados, o que demonstra um alto nível de evasão escolar. Finalmente, a Rússia sofreu grande queda e alta oscilação econômica no peíodo – foi o mais prejudicado pela Grande Recessão – e seus resultados no Ensino superior também foram inferiores. Vale dizer que na Rússia o percentual de pessoas de 20-25 anos no Ensino superior vem aumentando (ao contrário do Brasil). Quanto ao percentual de graduados em relação ao número de matriculados observamos que essa taxa vem crescendo. Dentre os países estudados, é o que apresenta o menor índice de evasão.

Crescimento do Ensino superior por Área de formação

Essa seção traz o número de graduados por área em cada país para o qual havia dados disponíveis. Nela, observamos as variações das áreas em cada país com o intuito de analisar os setores que mais crescem em cada país e se o crescimento econômico está associado com o crescimento de áreas de Ciências e Tecnologia, o que poderia alimentar a hipótese de crescimento econômico aumentando a demanda por profissionais nas áreas de indústria e tecnologia de ponta. A análise que fazemos é apresentada conforme a variação de graduados no período. Uma variação positiva significa que o número de graduados cresceu do primeiro ano (2006) em comparação a 2012 e vice versa.

Tabela 01 – Variação de graduandos entre 2006 e 2012 nos setores

Áreas	Brasil	Rússia	África do Sul*	EUA
Educação	12%	-15%	36%	2%
Humanidades e Artes	-20%	16%	0%	13%
Ciências Sociais, Negócios e Direito	29%	39%	13%	19%
Ciência	-9%	32%	37%	25%
Engenharia, Manufatura e Construção	91%	13%	12%	24%
Agricultura	45%	-48%	15%	13%
Saúde e bem-estar	77%	-3%	4%	59%
Serviços	-65%	287%	-73%	48%

* - os dados da África do Sul são referentes a variação de 2010 a 2012

Fonte: OECD

As variações positivas apresentadas podem estar ligadas com os investimentos ou ampliações dos países nesses setores. Na África do Sul observamos aumento nas áreas de Ciência e Tecnologia, Educação e Agricultura. No Brasil notamos o crescimento nas áreas da Engenharia, Saúde, Agricultura e Ciências Sociais Aplicadas. Na Rússia os aumentos são nos setores de Serviços, Ciência e Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas. Finalmente, nos EUA o crescimento é visto nas áreas de Saúde e de Serviços. Com esses dados observamos o aumento se deu em áreas distintas em cada país. Podemos relacionar o crescimento do PIB com a expansão das áreas de: Ciência; Engenharia, Manufatura e Construção; Saúde e Bem-Estar. Os investimentos nesses setores indicam

uma possível associação. A tabela abaixo mostra a variação do PIB no período em questão (2010/2012 para a África do Sul e 2006/2012 para os outros países).

Tabela 02 – Variação do PIB entre 2006 e 2012 nos setores específicos

Categorias	**Brasil**	**Rússia**	**África do Sul***	**EUA**
PIB per Capita	**96%**	**103%**	**-8%**	**11%**
Ciência	-9%	32%	37%	25%
Engenharia, Manufatura e Construção	91%	13%	12%	24%
Saúde e bem-estar	77%	-3%	4%	59%

* - os dados da África do Sul são referentes a variação de 2010 a 2012

Fonte: OECD e World Bank

A tabela 2 mostra a variação PIB per capita por área. Em relação ao Brasil e na África do Sul essa variação é do ano de 2010 a 2012. Percebemos uma clara correlação entre os investimentos constantes do PIB e as áreas de crescimento do ensino superior nos países analisados. No Brasil houve uma queda no crescimento das áreas de Ciência, e uma correspondente queda na proporção representada pela área de Ciências no PIB. O mesmo ocorre na Rússia com a área de Saúde.

Mobilidade Intra-grupo

Finalmente, resta analisar a mobilidade de estudantes entre países e sua relação com o crescimento econômico. Historicamente, todos os países apresentavam e continuam apresentando um fluxo constante e significativo de estudantes para a União Europeia, para países do mesmo continente ou para nações de Língua Inglesa. Esse padrão vai de acordo com o que acontece na maioria das nações, as localidades que apresentam um número elevado de estudantes estrangeiros são aquelas que se enquadram nos grupos citados. Nos países em desenvolvimento o aumento do número de estudantes móveis é crescente. Uma variável capaz de explicar parte dessa ampliação é o aumento do prestígio da Instituição, além da absorção da cultura e da qualidade do estudante estrangeiro. Nações como China, Índia e Coréia são aquelas que apresentam um dos maiores crescimentos no número de estudantes móveis. Esses países buscam desenvolver ações específicas para atrair estudantes e levar seus programas educacionais para outras regiões. O crescimento da China e da Coréia pode ser

explicado pelo que já foi citado anteriormente, a busca por Universidades Padrões Mundiais. Ambos os países apresentaram projetos que visam o surgimento de instituições globais, ou seja, que possuam programas de pesquisas com o foco em questões mundiais, além de políticas que procuram trazer estudantes de diversos países e, também, profissionais.

Analisando a mobilidade dos estudantes dos países do BRICS de 1999 a 2012, observamos que os principais destinos são: países do G6; países de língua inglesa (principalmente os estudantes da África do Sul); nações com línguas semelhantes (estudantes brasileiros indo para Espanha e Cuba); países com localidades próximas (discentes indianos indo para os Emirados Árabes e Ucrânia ou estudantes chineses indo para a Coréia do Sul, Macau e Hong Kong); países que fazem fronteira (estudantes russos indo para a Ucrânia, o Cazaquistão, Finlândia e Bielorrússia). Porém, o que percebemos, é que as trocas de estudantes entre os países do próprio BRICS ainda são incipientes– talvez por não estarem compreendidas nesses grupos e suas populações não se verem como um grupo. Contudo, se essa mobilidade se relaciona com o crescimento econômico, era de se esperar que tais países começassem a "trocar" mais estudantes entre si, ainda que em pequenas quantidades, e isso foi verificado conforme procuramos mostrar a seguir.

Torna-se essencial ressaltar que os dados da OECD não fornecem o número de estudantes que tem como destino a China. Dessa nação apenas temos o número de estudantes que chegam a outros países. As informações de mobilidade trazem uma comparação do número de estudantes que saíram dos países do BRICS e ficaram dentro desse grupo, como, também, uma comparação com os EUA. O que percebemos é que os EUA continua sendo uma das principais nações de destino de estudantes de todo o mundo, e isso não é diferente para os estudantes móveis dos países do BRICS. Na China e na Índia o número de estudantes migrando para os EUA continua crescendo. O número de estudantes chineses nos EUA foi de um pouco mais de 50 mil em 2000 para mais de 200 mil em 2012, já o número de estudantes indianos duplicou no mesmo período. Na África do Sul e na Rússia o número de estudantes móveis desses países que foram para os EUA diminuiu de 2000 a 2012. Em 2002, o número de estudantes sul-africanos era de 2232 estudantes, já em 2012 caiu para 1559. Também em 2002, 6722 estudantes russos foram para os EUA, em 2012 o número passou para 4654. Os estudantes brasileiros apresentam situações distintas com picos em 2002 e de 2009 a 2012,

enquanto que em 2006 e 2007 apresentou número baixo de estudantes brasileiros. Dessa análise observamos que em 2002 algum tipo de política estadunidense proporcionou o aumento do número de estudantes móveis dos países do BRICS para os EUA.

Em relação à mobilidade intra-grupo, a análise realizada foi por triênio. O intuito é mostrar a diferença do número de estudantes do primeiro triênio (2001/2003) para o último (2010/2012) e como a mobilidade cresceu de forma significativa. Salientamos o fato de que se o país não foi citado como destino dos estudantes móveis, a informação não constava na base de dados da OECD ou nenhum estudante teve o país como destino. Sobre os estudantes sul-africanos, 105 tiveram como destino o Brasil, a Índia ou a Rússia no triênio de 2001/2003, enquanto que no triênio de 2010 e 2012 esse número passou para 637 estudantes. No primeiro triênio 12 estudantes brasileiros tiveram como destino a Índia ou a Rússia, de 2010/2012 esse número passou para 210 estudantes. Já em relação aos estudantes chineses, de 2001/2003, 62 estudantes tiveram como destino o Brasil, a Índia, a Rússia e a África do Sul, esse número passou para 12.610. No que concerne aos estudantes indianos, dois estudantes tiveram como destino Brasil, Rússia e África do Sul no primeiro triênio, mas esse número passou para 3.794 estudantes. Finalmente, em relação aos estudantes russos, o número de estudantes que foram para Brasil, Índia ou África do Sul foi de 35 no primeiro triênio, e esse número passou para 176 de 2010 a 2012.

Dos dados analisados observamos que a mobilidade dos estudantes dentro do BRICS pode estar relacionada com o crescimento econômico desses países. O número de estudantes cresceu de forma bastante significativa passando de 216 estudantes móveis no total, no triênio 2001/2003, para 17.286 no triênio 2010/2012. Mesmo considerando que alguns dados russos se mostraram negligenciados, ou seja, sem uma informação precisa o crescimento é, de fato, muito expressivo. Talvez um dos motivos desse aumento no intercâmbio seja o aumento no número de acordos de cooperação internacional entre esses países, e o fato de o crescimento econômico e a expansão do ensino superior destes os tornam destinos mais visíveis para estudantes migrantes, além dos EUA.

V. Conclusão

Com o estudo realizado podemos dizer que nossa hipótese inicial de uma relação entre o crescimento econômico e a expansão do ensino superior nos países, bem como o aumento da mobilidade estudantil entre estes, ganhou força. A mobilidade dos estudantes intra-grupo nos países de grande crescimento econômico cresceu de forma bastante expressiva, ainda que seja pequena no momento se comparada com a migração de estudantes para os EUA. Além disso parece haver uma relação entre crescimento econômico em certas áreas e expansão do ensino superior nessas áreas. Os países mais atingidos no período da recessão expandiram sobretudo no setor de serviços, enquanto nos períodos de maior crescimento econômico cresceram as áreas de tecnologia e ciências.

Diante das projeções, esses processos tendem a aumentar, não apenas entre os países do BRICS, mas com a possibilidade desses países se tornarem referências em Ensino e em destino de estudantes móveis das mais diversas nacionalidades.

Além disso, a análise exploratória mostrou a importância de mais pesquisas que podem envolver o estudo da Educação relacionado com o processo de globalização por meio de um viés sociológico. Os resultados apresentados mostram cada vez mais a mudança do Ensino em prol do aumento de estudantes móveis, isso abre espaços para novos estudos que mostrem essas relações.

VI. Bibliografía

COLLARES, A. C. M.**The Expansion of Higher Education in Brazil between 1982 and 2006: Disentangling Age, Period and Cohort Effects**.*Population Review*, 2013.

CORBUCCI, P. R. **Sobre a redução das matrículas no ensino médio regular** (No. 1421). Texto para Discussão, Instituto de PesquisaEconômicaAplicada (IPEA), 2009.

MARTINS, Carlos Benedito. **Notas sobre a formação de um sistema transnacional de ensino superior. Cad. CRH**, Salvador. p. 291-308, 2015 .

SCHOFER, Evan; MEYER, John W. **The Worldwide Expansion of Higher Education in the Twentieth Century.***American Sociological Review*, p. 898-920, 2005.

SCHWARTZMAN, Simon. **Demanda e políticas públicas para o ensino superior nos BRICS**. **Cad. CRH**, Salvador, p. 267-290, 2015 .

SCHWARTZMAN, Simon. **Equity, quality and relevance in higher education in Brazil**. Anais da Academia Brasileira de Ciências (Impresso), Rio de Janeiro, p. 173-188, 2004.

SHIN, J. C & B.M. The World-Class University: Concept and Policy Initiatives. In:_____. **Institutionalization of world-class university in global competition**, 2012. Cap 2, p. 33-62.

WANG & WANG & LIU, A. & S. Building World-Class Universities in China: Shanghai Jiao Tong University. In:_____. **The Road to Academic Excellence**, 2011. Cap 2, p. 17-32.

WILSON, D., & PURUSHOTHAMAN, R. **Dreaming with BRICs: the path to 2050** (Vol. 99). Goldman, Sachs & Company, 2003.